

# Compulsão à repetição

## A marca no psiquismo do além do princípio de prazer

Fabrizia Izabel Meira Souto,<sup>1</sup> Belo Horizonte

Renata Damiano Riguini,<sup>2</sup> Belo Horizonte

Os textos freudianos acerca do fenômeno da repetição escritos após 1920 demonstram uma mudança significativa em termos teóricos. Presenciamos “uma virada” nas elaborações do mestre vienense e entendemos que esta expressão diz respeito à mudança no interior do pensamento de Freud no que se refere à posição do aparelho psíquico em relação ao princípio de prazer. Freud abriu o caminho para se pensar em algo que se inscreve e que marca o psiquismo a partir das primeiras experiências de dor e de satisfação vividas após o nascimento. Encontramos em Freud a premissa de que o sujeito repete as experiências de dor quando se depara com situações irredutíveis ao princípio de prazer, mas também encontramos um princípio de repetição que reconduz à pulsão de morte. Este trabalho propõe-se a mostrar como o conceito de compulsão à repetição que deu entrada de maneira formal nos textos freudianos a partir de 1920 se localiza, do ponto de vista genético, como um fenômeno que se sobrepõe ao princípio de prazer.

Palavras-chave: Freud, princípio de prazer, compulsão à repetição, trauma, pulsão de morte

### Introdução

Os textos freudianos acerca do fenômeno da repetição escritos após 1920 demonstram uma mudança significativa em termos teóricos. É possível observar uma “virada” nas elaborações teóricas, isto é, uma mudança no interior do pensamento de Freud no que se refere à posição

1 Psicóloga. Mestre em psicologia pela PUC-Minas.

2 Psicanalista. Mestre em teoria psicanalítica pela UFMG. Doutora em Psicologia pela PUC-Minas. Pós-doutora em psicologia pelo programa de pós-graduação em psicologia da PUC-Minas.

do aparelho psíquico em relação ao princípio de prazer. Até então, a repetição se apresentava como um fenômeno passível de elaboração. Na primeira tópica, temos um Freud mais confiante, com uma crença maior no poder da razão, da linguagem, da cura, da simbolização, de contorno, de organização. Há, portanto, toda uma aposta freudiana na elaboração, na própria repetição, ainda que o autor fale também de inconsciente e de pulsão. O princípio de prazer, elaborado em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico* (1911/2010), continua a reinar soberanamente por um período extenso nos textos de Freud.

Entendemos o princípio de realidade como um desvio do princípio de prazer. Vale frisar, entretanto, que este último não tem a função de anular o primeiro, sendo a função do princípio de realidade correlata à do princípio de prazer, apenas adiando o prazer e a satisfação. Os dois princípios atendem ao ponto de vista econômico do funcionamento do aparelho psíquico. Se pensarmos em termos dos processos primário e secundário, vamos observar que a relação que se estabelece entre o princípio de prazer e o princípio de realidade é análoga, ou seja, ambos se ocupam com o objetivo de obter prazer. No processo primário, a energia livre tende a escoar da maneira mais rápida possível, libertando o aparelho psíquico da sensação de desprazer; no processo secundário, a energia não está livre, mas ligada, e o seu escoamento é, então, retardado ou impedido como uma medida protetiva, por exigência da autopreservação do ego.

Freud (1911/2010) lembra que o estado de repouso psíquico é perturbado no início por exigências internas do organismo, tidas como imperiosas, como, por exemplo, a fome. No entanto, diante da ausência de satisfação esperada, aquilo que foi desejado é colocado pelo aparelho de modo alucinatório, como pontua Freud. Assim, diante da impossibilidade de realização do desejo, “o aparelho psíquico teve que se decidir a formar uma ideia das reais circunstâncias do mundo exterior e se empenhar em sua real transformação” (Freud, 1911/2010, pp. 111-112).

Esse novo princípio de atividade psíquica se apresenta no aparelho trazendo enormes consequências de ordem adaptativa. O princípio de prazer, frente à realidade e às exigências do mundo externo, acaba por dar lugar ao princípio de realidade, que não abandona o objetivo de

obter prazer, mas adia, regula essa obtenção. Essa ideia de regulação faz parte de uma concepção econômica do aparelho psíquico regido pelo aumento ou diminuição da quantidade de excitação descrita por Freud ao escrever o *Projeto para uma psicologia científica*, elaborado em 1895. Freud indica o surgimento de uma nova função especial – a atenção –, que visa a examinar constantemente o mundo exterior com o objetivo de tornar os seus dados conhecidos quando uma necessidade interior inadiável se apresentar. Para o autor,

a maior significação da realidade externa elevou também a significação dos órgãos dos sentidos voltados para o mundo externo e da consciência a eles vinculada, que além das qualidades de prazer e desprazer, as únicas que até então lhe interessavam, começou a apreender também as qualidades sensoriais. (Freud, 1911/2010, p. 113)

Juntamente com essas modificações, um outro sistema foi instituído: o sistema de registros, parte daquilo que denominamos de memória, que tem o objetivo de guardar os resultados da atividade periódica da consciência. Se anteriormente, no Projeto, a descarga motora era realizada pelo modelo do arco reflexo, agora, sob o domínio do princípio de prazer, ela, transformada em ação, visa a aliviar o aparelho psíquico de aumentos de estímulos, sendo utilizada na modificação adequada da realidade. O processo de pensamento, agora mais elaborado, já permite ao aparelho psíquico suportar a elevada tensão dos estímulos na medida em que, na descarga da ação experimental, são deslocadas quantidades menores de investimento. Essa tendência econômica do aparelho psíquico revela o apego às fontes de prazer disponíveis e à consequente dificuldade de se renunciar a elas.

Freud observa que, com a introdução do princípio de realidade, ocorre uma dissociação na atividade do pensamento que se encontra voltada apenas para o princípio de prazer – a fantasia. Essa dissociação se inicia nas brincadeiras infantis e prossegue, posteriormente, com os devaneios que não se sustentam em objetos reais. Dessa forma, pode-se afirmar que é no âmbito da fantasia que a repressão consegue inibir ideias antes mesmo que sejam notadas pela consciência, evitando o desprazer

que poderiam ocasionar. Esse é, de acordo com o autor, o ponto fraco do psiquismo, pois propicia que determinados pensamentos que já se haviam tornado racionais, voltem ao domínio do princípio de prazer. No entanto, esclarece Freud, a substituição do princípio de prazer pelo de realidade não ocorre sem efeitos e de uma só vez,

pois enquanto ocorre esse desenvolvimento nos instintos do Eu, os instintos sexuais se destacam deles de modo significativo. Os instintos sexuais se comportam a princípio autoeroticamente; acham satisfação no próprio corpo e por isso não chegam à situação de frustração que levou ao estabelecimento do princípio de realidade... (Freud, 1911/2010, p. 115)

Os instintos sexuais primam pela busca de objeto, mas dois fatores, o autoerotismo e o período de latência, acabam por detê-lo em seu desenvolvimento psíquico. Assim, eles permanecem muito mais tempo sob o domínio do princípio de prazer, criando-se, devido a essas condições, “uma relação mais estreita entre o instinto sexual e a fantasia, por um lado, e os instintos do Eu e as atividades da consciência, por outro” (Freud, 1911/2010, p. 115). Nessa perspectiva, a presença do autoerotismo permite uma satisfação mais fácil e momentânea com o objeto sexual em lugar de uma satisfação real, a qual demanda adiamento e esforço. A repressão é, segundo o autor, dominante no âmbito da fantasia, visto que inibe as ideias nascentes antes que elas possam chegar à consciência, evitando dessa forma o desprazer.

Vemos, dessa maneira, o princípio de realidade se apresentar como uma modificação do aparelho psíquico, produzindo transformações no ego. Freud argumenta que, de um ego-prazer dominado pelo princípio de prazer, forma-se um ego-realidade. E reitera que, tal como o ego-prazer apenas trabalha para obter prazer, o ego-realidade vai lutar pelo que é útil e resguardar-se contra danos. Na realidade, “a substituição do princípio do prazer pelo da realidade não significa a deposição do princípio do prazer, mas a sua salvaguarda” (Freud, 1911/2010, p. 117), o que implica dizer que o prazer é apenas adiado, postergado, com o objetivo de ganhar o prazer seguro que virá depois.

Freud observa que uma das características principais dos processos inconscientes é que a prova da realidade não consta neles, ou seja, “a realidade do pensamento é equiparada à realidade externa, o desejo à sua realização, ao acontecimento, tal como sucede naturalmente sob o domínio do velho princípio do prazer” (Freud, 1911/2010, p. 119). Destaca, ainda, a dificuldade em separarmos fantasias inconscientes de lembranças tornadas inconscientes, assim como de ignorar a culpa neurótica diante da falta de evidências de um crime ou mesmo ignorar o papel da fantasia na formação dos sintomas. Não vemos ainda o fracasso do princípio de prazer, apenas o seu adiamento, ou, como pontua Freud, a sua salvaguarda.

O que se nota é que o processo secundário está a serviço do processo primário, assim como o princípio de realidade está a serviço do princípio de prazer. Mas e quando o objetivo de perseguir o prazer ou de até mesmo adia-lo parece fracassar?

### O “Além do princípio do prazer”

No texto de 1920, “Além do princípio do prazer”, ao qual podemos atribuir a grande virada na teoria freudiana, o autor utiliza como exemplo a vesícula e o escudo protetor para melhor definir o trauma.<sup>3</sup> Se até então se referia a uma não reação por parte do paciente, agora o trauma configura-se como uma defesa, sendo gerador, inclusive, do mecanismo do recalque. A consciência, para o autor, seria a parte da vesícula voltada para o mundo externo, receptora dos estímulos e incapaz de qualquer modificação. Pensando em termos do sistema Cs, seus elementos não mais estariam sujeitos a modificações permanentes através da passagem da excitação, pois já estariam modificados a ponto de darem origem à consciência. No entanto, “esse pequeno fragmento de substância viva [a vesícula] acha-se suspenso no meio de um mundo externo carregado com as mais poderosas energias, e seria morto pela

3 A questão do trauma surge nos escritos freudianos quando o autor e Breuer trabalhavam juntos. Primeiramente se apresentou como um trauma sexual, depois como evento gerador do recalque. Na segunda tópica o trauma adquire novos contornos.

estimulação delas emanadas, se não dispusesse de um escudo protetor contra os estímulos” (Freud, 1920/2016, p. 38).

A vesícula adquire esse escudo porque a sua superfície mais externa torna-se inorgânica, funcionando como uma membrana especial resistente aos estímulos provenientes do mundo externo. De acordo com Freud, a proteção contra esses estímulos é ainda mais importante do que a recepção deles. Todavia, assim como o escudo protege o aparelho dos estímulos referentes ao mundo externo, também a parte que se segue a ele, modificada em sistema Cs, atua como um órgão receptor desses mesmos estímulos. Porém, esse córtex sensitivo também recebe estímulos internos. Esses dois fatores, quais sejam, a situação do sistema entre o exterior e o interior, bem como a diferença entre as condições que determinam a chegada das excitações nos dois casos, definem o funcionamento do sistema e de todo o aparelho psíquico de forma peculiar. No que diz respeito ao sentido do exterior, o sistema vai ficar resguardado contra os estímulos, sendo que é reduzida a quantidade de excitação que incide sobre ele. Entretanto, no sentido do interior, não há um escudo protetor, e as excitações das camadas mais profundas, não podendo ser reduzidas, vão chegar ao sistema diretamente e produzir, assim, sentimentos de prazer-desprazer. Esses sentimentos, por sua vez, constituem um índice do que está acontecendo no interior do aparelho e têm predominância sobre todos os estímulos externos.

O aparelho adota também uma maneira de lidar com as excitações que se originam internamente e provocam um grande aumento de desprazer, e o escudo funciona nesse momento como um meio de defesa dessas excitações, originando o que Freud chama de projeção. Nessa perspectiva, é traumática qualquer excitação vinda de fora que seja capaz de atravessar o escudo protetor. Destacamos que o trauma, nesse momento, apresenta-se como o resto não passível de significação, como algo que não se inscreve. O trauma rompe o escudo e a hemorragia, e a ferida que se abre representa a própria função norteadora que inaugura a compulsão à repetição. A partir daí, já não se encontra prazer em nenhuma instância psíquica, e a célebre frase freudiana de que todo desprazer neurótico é, em realidade, um prazer, não encontra

mais respaldo na concepção que visa a atender ao ponto de vista econômico do funcionamento do aparelho psíquico.

O encontro com algo desprazeroso, que anteriormente referia-se ao retorno do recalçado, desenha-se a partir de então como a angústia e a própria pulsão de morte. Cai por terra o princípio de prazer que reinou soberanamente durante toda a teorização freudiana. É interessante destacar que a repetição, que até então se apresentava submetida ao princípio de prazer, não mais se encontra submetida a ele, à medida que põe o sujeito em constante contato com as experiências traumáticas que não trazem em si nenhuma possibilidade de prazer.

### O Fort-Da e a repetição

Alguns fatos contundentes levaram Freud a pensar a repetição como fenômeno para além do princípio de prazer. O primeiro deles foi uma brincadeira infantil, o Fort-Da. O criador da psicanálise observou uma criança de apenas um ano e meio que, brincando com um carretel preso a um cordão, jogava-o para além da borda do próprio berço, fazendo com que desaparecesse. Nesse momento, a criança proferia um significativo “o-o-ó”. Posteriormente, puxava o cordão e fazia surgir novamente o carretel, saudando-o com um receptivo ‘da’. Para Freud, o que se evidencia com esse processo, o jogo do “fort-da”, é a renúncia instintual que a criança precisa empreender quando “deixa” a mãe ir embora sem protestos.

É fato, diz o autor, que a partida da mãe não pode ser sentida pela criança como algo agradável ou até mesmo indiferente. Ele observa que a criança se encontra numa posição passiva, mas, ao repetir a cena através do jogo, ela se torna ativa dentro da situação criada e, ao mesmo tempo, vinga-se da mãe, por abandoná-la. Para Freud, durante a brincadeira a criança passa da passividade da experiência que viveu para a atividade do jogo. A partir daí, transfere a experiência desagradável para um de seus companheiros de brincadeira e, dessa forma, pode se vingar num substituto. No caso da brincadeira infantil, portanto, a repetição da experiência de desprazer permite à criança lidar de uma forma mais completa com conteúdos indesejáveis do que se apenas sofresse passivamente.

Freud analisa o Fort-Da como uma simbolização da falta materna, em que a criança encena, através da brincadeira, a alternância presença/ausência da mãe. O autor observou que a partida do objeto era encenada com muito mais frequência do que o episódio do retorno, o que gera a questão: se a saída/ausência da mãe é o fato sentido pela criança como desagradável, porque é exatamente a experiência que causa dor a mais repetida? A criança traduz na brincadeira fatos que a marcaram de forma significativa, muitas vezes de forma desagradável. Na brincadeira, porém, a repetição traz consigo uma produção de prazer mais direta. Isto leva Freud a concluir que, mesmo sob a dominância do princípio de prazer, “há meios e caminhos para tornar objeto de recordação e elaboração psíquica o que é em si desprazeroso” (Freud, 1920/2016a, pp. 175-176).

O autor observa que essa compulsão à repetição, que se apresenta nas atividades e brincadeiras da vida psíquica de uma criança, também se apresenta nas vivências do processo analítico. Em ambas “exibem em alto grau um caráter impulsivo e, quando se acham em oposição ao princípio de prazer, um caráter demoníaco” (Freud, 1920/2016a, pp. 199-200). Na infância, todavia, cada nova repetição contribui para que a criança melhore o controle que deseja ter sobre a impressão deixada no seu psiquismo, mas este é um traço de caráter que, de acordo com Freud, irá desaparecer futuramente. Podemos observar mesmo que a criança vai sempre em busca de uma repetição do mesmo, que seja idêntica à história que ouviu e às brincadeiras realizadas junto com os adultos. Nesses casos, o princípio de prazer não está, de forma alguma, sendo contrariado, já que o reencontro com o idêntico é fonte de prazer.

O Fort-Da propiciou a Freud a observação de uma repetição que se apresentava na brincadeira da criança e que, num primeiro momento, não parecia corresponder à lógica do princípio de prazer. Entretanto, a experiência infantil, em nosso entendimento neste trabalho, não é suficiente para contradizer essa lógica do aparelho psíquico, já que propicia à criança a possibilidade de elaboração. Como questiona Moreira: “Se o aparelho psíquico busca a estabilidade, por que atualizaria uma experiência que introduz um claro elemento de instabilidade e tensão?” (2002, p. 171).



É com uma citação de Figueiredo (1999), que a autora salienta que o possível desprazer presente na brincadeira infantil não se apresenta como condição suficiente para destruir a crença no princípio de prazer, à medida que este se chama princípio de prazer-desprazer. Nessa perspectiva, somente é possível haver prazer, ou seja, diminuição da energia em estado livre, se antes tiver havido desprazer como o acúmulo dessa energia. E é assim que “nesta medida, a existência de desprazer deveria ser sempre considerada como parte integrante do funcionamento mental” (Figueiredo, 1999, p. 58; citado por Moreira, 2002, p. 163). Mas, contrariando essa lógica do funcionamento do aparelho psíquico, a repetição que se dá de forma análoga através dos laços transferenciais não é a mesma, já que “no analisando se torna claro que a compulsão de repetir na transferência episódios de sua infância desconsidera de todo modo o princípio de prazer” (Freud, 1920/2016a, p. 201). A mesma compulsão à repetição se presentifica no final de análise, no momento em que o analista procura realizar a separação completa entre ele e o analisante, sendo possível supor que o medo que se sente dessa separação diz respeito a algo obscuro, que não deveria jamais aparecer, e que só pode ser definido como o medo do surgimento de uma compulsão demoníaca.

Freud detectou, ainda, outro fenômeno, que chamou de “reação terapêutica negativa”, o qual também corroborou para a mudança de paradigma em relação à dominância do princípio de prazer. Durante o processo analítico, o paciente resiste ao tratamento e à cura. Ele repete na figura do analista fatos passados que lhe causaram grande sofrimento. O mais interessante é que esses pacientes pareciam se recusar a ter uma melhora exatamente no momento em que a análise poderia lhes proporcionar isso. Além de piorar dos sintomas, muitos abandonavam o tratamento nessa fase como se tivessem “um intenso apego inconsciente ao sofrimento, uma vez que o padecimento a que os pacientes eram submetidos por seus sintomas neuróticos lhes parecia caro, algo que devia ser preservado” (Rudge, 2009, p. 40)

Rudge também destaca a compulsão de destino como um dos fenômenos que contradizem a primazia do prazer no aparelho psíquico. Segundo a autora, longe de tratar essa compulsão como uma neurose, Freud assegurou que se tratava de um componente que se apresenta em

peças normais, que são antes como que perseguidas por um destino trágico, uma vivência que se repete como um destino infeliz e que se configuraria como a expressão de uma compulsão à repetição em sua forma demoníaca. Diante dos fenômenos transferenciais, dos sintomas das neuroses traumáticas, da brincadeira das crianças e das situações que envolvem o destino das pessoas, pode-se supor que realmente exista uma compulsão à repetição que predomina em detrimento do princípio de prazer. Essa compulsão, no entanto, não aparece de forma isolada, mas sempre com o concurso de outros motivos. De acordo com o autor, no que diz respeito à brincadeira das crianças, a compulsão à repetição e a direta satisfação prazerosa do instinto parecem estar entrelaçadas em íntima comunhão.

Os fenômenos transferenciais, por sua vez, estão a serviço da resistência que parte do Eu empreende e que persevera na repressão. Apenas o caso dos sonhos traumáticos se revela mais intrigante na opinião de Freud. Entretanto, o autor também assevera que uma observação mais apurada das outras situações nos leva a admitir que a ação dos motivos que se tornam conhecidos não consegue responder pelo fato em si. O que se mantém como o resto é o suficiente para justificar a hipótese de uma compulsão à repetição no psiquismo a qual “quer nos parecer mais primordial, mais elementar, mais instintual do que o princípio do prazer, por ela posto de lado” (Freud, 1920/2016a, p. 184). Podemos ver que essas situações deram corpo à reformulação da teoria pulsional que entendemos como a segunda tópica, em cujo centro está a pulsão de morte que foi considerada por Freud sua teoria mais obscura, controversa, cujo caminho foi por ele trilhado de forma mais penosa.

Ainda que a busca pelo prazer se tenha se apresentado como uma tendência fundamental do psiquismo durante um longo período na obra freudiana, a partir da segunda tópica podemos observar que muitas vezes há um domínio da compulsão à repetição. Se num primeiro momento a repetição se apresenta como um fenômeno que propicia, como é demonstrado em “Recordar, repetir e elaborar” (Freud, 1914/2016), que as experiências traumáticas sejam integradas aos domínios do princípio de prazer, na compulsão à repetição presenciamos a dor em seu estado mais puro, mais arcaico: a dor que jamais se esgota, jamais se modifica

e não se torna passado, presentificando no psiquismo a experiência dolorosa. E se na brincadeira das crianças e também nos sonhos é possível integrar gradativamente a experiência dolorosa através da elaboração, na compulsão à repetição “o que aconteceu de pior é literal e, em vez de gradativamente submeter o vivido ao princípio de prazer, ela faz, a cada vez, a angústia se atualizar como no fato original” (Rudge, 2009, p. 43).

### Fixação ao trauma: a peculiaridade da compulsão na vida psíquica

Outros fatores que contribuíram para a mudança da primeira para a segunda tópica foram a questão dos sonhos e os sintomas que as neuroses traumáticas apresentavam. Segundo Freud, “o quadro da neurose traumática avizinha-se ao da histeria por sua riqueza de sintomas motores semelhantes” (Freud, 1920/2016a, p. 168). No entanto, o primeiro diferencia-se do último pela manifestação de sinais de intenso sofrimento subjetivo e também de um evidente enfraquecimento e transtorno das funções psíquicas.

Duas características são ressaltadas por Freud em relação às neuroses traumáticas. A primeira delas refere-se à causalidade que se evidencia através de um susto ou uma surpresa, um terror. A segunda destaca que uma ferida sofrida simultaneamente é que atuava contra o surgimento da neurose. Destarte, afirma Sigmund, os termos “terror”, “medo” e “angústia” não equivalem como sinônimos: a angústia seria um estado de expectativa e também preparação diante do perigo; já o medo necessita de um objeto para manifestar-se, algo diante do qual desperta esse sentimento; e o terror representa a surpresa diante de um perigo que corremos sem estar devidamente preparados para ele. Nos casos dos sonhos das neuroses traumáticas, Freud observa que o doente retorna sempre à cena do acidente, retornando, então, do sonho, com um renovado terror. O mestre vienense percebeu que a rememoração, ou a evocação da memória traumática convocava o paciente a viver novamente a experiência dolorosa, mas de forma intensa e carregada de terror. Diante disso, ele é obrigado a reconhecer que não é sempre que o princípio de prazer alcança sucesso. Freud reconhece uma força

maior, uma compulsão à repetição que não se submete à lógica do prazer no psiquismo.

Por meio do atendimento aos pacientes que sobreviveram à Primeira Guerra Mundial, Freud percebe a recorrência de sonhos referentes a situações traumáticas vivenciadas pelos soldados. Qual o mecanismo psíquico aí presente, propiciando a formação de sintomas? Por que a revivência através do sonho daquele momento traumático? Estariam os soldados fixados naquele momento? Ao se deparar com esses sonhos repetitivos, Freud questiona a teoria dos sonhos que formulou anos antes, em que asseverava que se tratava de desejos.

Anteriormente, em “Conferências Introdutórias sobre Psicanálise” (Freud, 1917/2006a), o autor já havia argumentado que as neuroses se distinguem quanto à qualidade do trauma – estruturante na neurose, e não estruturante, nas neuroses de guerra –, porém ambas possuem um ponto de interseção: “toda neurose inclui uma fixação ... é como se esses pacientes não tivessem findado com a situação traumática, como se estivessem enfrentando-a como tarefa imediata ainda não executada” (Freud, 1917/2006a, p. 282). Percebemos, então, o valor econômico atribuído ao trauma, postulado como algo que resulta do excesso impossível de ser elaborado pelas vias normais e acaba por resultar em perturbações que se repetem nos sonhos.

Ao afirmar que “a neurose pode equivaler a uma doença traumática, e apareceria em virtude da incapacidade de lidar com uma experiência cujo tom afetivo fosse excessivamente intenso” (p. 283), Freud (1917/2006a) conclui que, se não há um sentido oculto nesses sonhos que possa ser explicitado através da elaboração onírica, o que se pode observar por eles é que sempre colocam o paciente diante da mesma cena traumática, na mesma situação inicial de despreparo e surpresa. Para Santos (2002, p. 95), o que é importante reter desses sonhos traumáticos é a presença neles da repetição do acidente, pois parecem revelar que o sujeito não pode deixar de experimentar a mesma coisa (o mesmo susto) sempre a partir do acaso, do acidental.

Em 1919, em “Introdução à Psicanálise e as Neuroses de Guerra”, Freud reitera que a neurose nasce de um conflito entre o Eu e as pulsões

sexuais que repudia. Destaca que a “sexualidade deve ser entendida no sentido lato que é usual na psicanálise, não devendo ser confundida com a noção mais estrita de ‘genitalidade’” (Freud, 1919/2016b, p. 384), e define, ainda nesse texto, as neuroses de guerra como neuroses traumáticas que se distinguem das neuroses comuns por características particulares. Dentre estas características está o fato de que as neuroses traumáticas são favorecidas por um conflito do Eu que se instaura quando o velho Eu dos tempos de paz se depara com o novo Eu dos tempos de guerra, como se um novo sócia do Eu se formasse diante da ameaça que a guerra representa.

A neurose traumática exerceu um forte impacto sobre o mestre vienense e apesar de não invalidar a teoria descrita anteriormente, leva Freud a reformular algumas questões que até então se colocavam como norte em todos os seus estudos. Como vimos, a primazia do princípio de prazer foi uma delas. A angústia evocada no sonho, a revivência da situação traumática que coloca o sujeito novamente diante do sofrimento e da dor divergem desse princípio. Dessa forma, os sonhos dos neuróticos traumáticos demonstram a peculiaridade de reconduzi-los à situação traumática da qual eles acordam tomados por um novo susto. Os sonhos, então, nesse caso, não se prestam à realização de desejos como Freud postulou anteriormente.

Observando os sonhos traumáticos e o desprazer que invocam, pode-se concluir que eles “obedecem ao propósito de recolocar a impressão traumática em cena, função primordial para o restabelecimento do princípio de prazer que foi paralisado pelo trauma” (Rudge, 2009, p. 46). De acordo com Rudge, a causa do sonho, nesses casos, está associada ao evento traumático, e não ao desejo como se postulava anteriormente. O que acontece é que a função do desejo é apenas tornar o trauma encoberto pelo sonho um pouco mais tolerável para o sujeito. Essas situações, no entanto, revelam a fixação ao trauma, evidenciando-se a intrigante peculiaridade da compulsão na vida psíquica de levar o sujeito à repetição de experiências desagradáveis.

## Supereu cruel: sobre essa voz no interior do psiquismo

A psicanálise freudiana foi precursora de uma teoria que não apenas reverbera, mas que norteia a clínica psicanalítica até os dias de hoje. Nos textos do mestre vienense encontramos o supereu como herdeiro do Complexo Edípico enquanto propulsor da civilização. Um supereu que age fazendo a gestão do prazer na medida em que aciona a culpa neurótica. Encontramos também, junto à Freud, um superego ligado à pulsão de morte como uma instância que critica, ataca e destrói aquilo que o sujeito é. Enquanto o primeiro pode ser observado como estruturante, o segundo, ligado à pulsão de morte é desagregador na medida em que nada satisfaz, nada atende aos imperativos desse supereu. Como essa voz surge no interior do psiquismo?

Numa obra belíssima de Marion Minerbo, 2019, “Novos diálogos sobre a clínica psicanalítica” encontramos elementos que nos ajudam a compreender a crueldade dessa instância psíquica e a responder esse questionamento. De acordo com a autora:

Essa instância ataca e desorganiza o eu em três figuras da psicopatologia psicanalítica: (1) no funcionamento melancólico, o embate entre supereu e eu se dá principalmente no plano intrapsíquico (“sou um fracasso, um ser desprezível, indigno de amor”); (2) no funcionamento paranoico, o sujeito se identifica ao supereu e coloca o outro no lugar do eu, tratando-o com a mesma crueldade com que o supereu trata o eu na melancolia (“você é mau, um ser desprezível, não merece o meu amor”); (3) no funcionamento masoquista, o sujeito “convoca” o outro por identificação projetiva a se identificar com o supereu cruel e a massacrá-lo (“sou culpado, sou mau e desprezível, mereço ser punido”). (Minerbo, 2019, p. 119)

Minerbo, 2019, destaca nesse texto que o supereu que aparece na melancolia, e que foi descrito por Freud no texto de 1917 como resultado da identificação do eu com a sombra do objeto é uma instância que planta suas raízes no Isso e extrai sua força das pulsões de morte. Segunda a autora, esse supereu descrito por Freud como severo e cruel, quer destruir aquilo que o sujeito é. A pergunta da autora “o que significa

a sombra do objeto? O que, do objeto, cai sobre o eu, levando às identificações que constituem o supereu cruel?” nos leva ao caminho que conduz à pulsão de morte. Para Minerbo, 2019, a sombra do objeto é a somatória dos micro votos de morte que vão sendo ofertados à criança como descargas de angústia e ódio em estado bruto, através da mãe ou de quem cuida do bebê. São esses micro votos que constituem o núcleo do supereu cruel. A criança se identifica com o que está sendo projetado nela, logo, se a projeção é de um objeto mal, a criança também é má. A criança registra o ataque, mas não consegue dar um registro para o mesmo e acaba por se defender como pode. A defesa nesse caso é a clivagem, onde a mesma isola o ódio, mas aciona o núcleo do supereu cruel e desagregador que exige do sujeito que ele não seja o que ele é.

Freud abriu o caminho para se pensar “nisso” que se inscreve e que marca o psiquismo do bebê a partir das primeiras experiências de dor e de satisfação vividas após o nascimento. Em Minerbo, 2019, encontramos a possibilidade da desconstrução de uma entidade registrada no psiquismo, de onde provém os micro votos de morte. Pensamos que a partir do caminho aberto, tantas outras possibilidades se abrem também com a prática clínica e, por que não dizer, com a esperança de ajudar o sujeito na separação sujeito-objeto, dando a ver ao sujeito como ele é, e não como o supereu cruel dele projetado no outro, o faz enxergar.

## Considerações finais

Podemos pensar que a compulsão à repetição é uma consequência da presença desta força pulsional no ser humano, sendo a própria pulsão de morte o motor que leva o sujeito a repetir experiências que causam dor. Observamos também que a célebre frase freudiana que afirmava que todo desprazer neurótico consistia, na realidade, num prazer, não pôde mais se manter. Ainda na brincadeira da criança, a atividade fantasmática é produtora de prazer, mas nas experiências que se produzem no campo da transferência e nos sonhos traumáticos a história diverge, assumindo novos contornos.

Numa característica que podemos considerar como geral em todo indivíduo, conclui-se que “quando as coisas parecem apresentar-se de um

modo irreduzível ao princípio de prazer, é então que o sujeito repete as experiências penosas de suas existências, e a elas volta como se volta aos primeiros amores” (Safouan, 1988, p. 81). No entanto, a repetição que se apresenta nas demais circunstâncias leva Freud a uma nova proposição que sugere “a existência de um princípio de repetição que reconduzirá primeiramente à pulsão de morte, antes de fazer dele uma característica essencial, universal, da pulsão como tal, quer seja de vida ou de morte” (Safouan, 1988, p. 81). Essa é a grande virada da elaboração freudiana.

Destacamos também que, para o autor, a concepção psicanalítica da neurose traumática é explicada a partir da ruptura da barreira de proteção contra os estímulos que excedem a capacidade do aparato psíquico mediante o órgão físico. Estamos trabalhando com a hipótese de que a compulsão à repetição se localiza, do ponto de vista genético, como um fenômeno que se sobrepõe ao princípio de prazer. No entanto, uma passagem do texto de 1920 chama atenção para a ideia de que, se os sonhos dos neuróticos traumáticos os reenviam à situação do acidente, eles não podem estar a serviço do princípio de prazer. Isto não se apresenta como novidade, mas “podemos supor que desse modo eles contribuem para outra tarefa, que deve ser resolvida antes que o princípio de prazer possa começar seu domínio” (Freud, 1920/2016a, p. 195). Isto significa que a função dos sonhos, nesse caso, é lidar de forma retrospectiva com o estímulo gerador da angústia e causador da neurose traumática. Assim, a preparação para a angústia é, segundo Freud, a última linha da barreira contra os estímulos.

Também os sonhos dos neuróticos traumáticos e os sonhos ocorrentes nas psicanálises obedecem à compulsão à repetição e não atendem à realização de desejos. Sua função também não seria a função essencial do sonho, mas “ele a teria assumido apenas depois que toda a vida psíquica aceitou o domínio do princípio de prazer” (Freud, 1920/2016a, p. 195). Sendo assim, é correto pensar que houve um antes, um período anterior à tendência dos sonhos em realizar desejos, o que na opinião de Freud não contraria sua função posterior, mas nos permite pensar que a compulsão à repetição é um fenômeno independente no aparelho psíquico e anterior ao desenvolvimento do princípio de prazer.



## Compulsión a la repetición: la marca en el psiquismo del más allá del principio de placer

Resumen: Los textos freudianos acerca del fenómeno de la repetición, escritos después de 1920, demuestran un cambio significativo en términos teóricos. Presenciamos “una vuelta” en las elaboraciones teóricas y entendemos que esta expresión respecta al cambio en el interior del pensamiento de Freud en lo que se refiere a la posición del aparato psíquico en relación al principio de placer. Freud abrió el camino para pensar en algo que se inscribe y que marca el psiquismo desde las primeras experiencias de dolor y satisfacción vividas después del nacimiento. Encontramos en Freud la premisa de que el sujeto repite las experiencias de dolor ante situaciones que no pueden reducirse al principio del placer, pero también encontramos un principio de repetición que remite a la pulsión de muerte. Este trabajo se propone a mostrar como el concepto de compulsión a la repetición, que entró de manera formal en los textos freudianos a partir de 1920, se ubica, desde el punto de vista genético, como un fenómeno que se sobrepone al principio de placer.

Palabras-clave: Freud, principio de placer, compulsión a la repetición, trauma, pulsión de muerte

## Compulsion to repetition: the psyche's mark of beyond pleasure principle

Abstract: Freudian texts on the phenomenon of repetition written after 1920 demonstrate a significant change in theoretical terms. We see a “turning point” in his theoretical elaborations and understand that this expression refers to the change within Freud's thought regarding the position of the psychic apparatus in relation to the pleasure principle. Freud opened the way to think about something that is inscribed and that marks the psyche from the first experiences of pain and satisfaction lived after birth. We find in Freud the premise that the subject repeats the experiences of pain when faced with situations that cannot be reduced to the pleasure principle, but we also find a principle of repetition that leads back to the death drive. This work aims to show how the concept of compulsion to repetition that formally entered the Freudian texts from 1920 onwards is genetically located as a phenomenon that overlaps the pleasure principle.

Keywords: Freud, pleasure principle, compulsion to repetition, trauma, death drive

## Referências

- Freud, S. (2006a). *Conferências introdutórias sobre psicanálise parte III. Imago*. (Trabalho original publicado em 1917)
- Freud, S. (2006b). Projeto para uma psicologia científica. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 1, pp. 346-454). Imago. (Trabalho original publicado em 1950)
- Freud, S. (2010). *Formulações sobre os dois princípios de funcionamento psíquico*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1911)
- Freud, S. (2016a). *Além do princípio do prazer*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (2016b). *Introdução à psicanálise das neuroses de guerra*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919).
- Freud, S. (2016c). *Recordar, repetir e elaborar*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1911)
- Moreira, J. O. (2002). *Figuras de alteridade no pensamento freudiano*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Rudge, A. M. (2009). *Trauma: psicanálise passo a passo*. Jorge Zahar.
- Safouan, M. (1988). *O fracasso do princípio do prazer*. Campinas: Papirus.
- Santos, L. G. (2002). *O conceito de repetição em Freud*. Escuta e FUMEC.

Fabrizia Izabel Meira Souto  
fabrizia.soutopsi@gmail.com

Renata Damiano Riguini  
rriguini@gmail.com